

Avenida Deschamps Élysées

MARCOS PAULO LIMA
Enviado especial

Lusail — Até que Didier Deschamps prove o contrário na final de hoje da Copa do Mundo contra a França, às 12h (de Brasília), no Estádio Icônico de Lusail, só há um técnico bicampeão da Copa do Mundo. Vittorio Pozzo guiou a Itália ao título em 1934 e 1938. No cargo desde 8 de julho de 2012, o comandante mais longevo entre os 32 desta edição pode encerrar o jejum com requintes de Edson Arantes do Nascimento — o Rei Pelé.

Campeão como jogador em 1998 e no papel de técnico 20 anos depois, ele pode se juntar ao craque na lista dos tricampeões. Vencedor da Liga das Nações nesta temporada contra a Espanha e vice continental em 2016, ele tem a chance de renovar o crédito para buscar, em 2024, o título pendente no currículo: a Eurocopa.

Depois da vitória contra Marrocos, Deschamps atualizou o almanaque da Fifa. Alcançou 14 triunfos e igualou os 14 triunfos de Luiz Felipe Scolari. Está a dois do recorde do alemão Helmut Schoen. O trabalho do francês de 54 anos impressiona no Catar pela resiliência.

Antes do torneio, perdeu pelo menos quatro titulares importantes: Pogba, Kanté, Lucas Hernández e o melhor do mundo, Benzema. A solução foi mesclar peças-chave de 2018, como Griezmann, Mbappé, Giroud, Varane e Lloris, com jogadores em ascensão como Tchouaméni, Dembélé, Koundé, Upamecano e Theo Hernández.

Franck Fife/AFP



"Enfrentaremos Messi, mas também muita qualidade em outros setores"

Didier Deschamps,
técnico da França

Colecionador de 138 partidas à frente da França com 89 vitórias, 27 empates e 22 derrotas, Ele aplica na seleção os mesmo métodos dos tempos de jogador. Lidera uma seleção aguerrida com a missão de trabalhar em equipe a fim de carregar o piano para os solistas. Zidane era um deles em 1998. Nos últimos dias,

ele teve de usar a habilidade para lidar com as especulações de que o lesionado Benzema disputaria a decisão.

“Tenho jogadores que já se machucaram antes. Karim é um deles. O último a se machucar foi Lucas Hernández. Desde então, tenho 24 jogadores para administrar”, respondeu

na entrevista coletiva de ontem. Pogba, outro lesionado, está no hotel da Fifa como convidado. Kanté, o mais discreto da turma, continua em recuperação no Chelsea.

Quem não tem Kanté e Pogba caça com Tchouaméni. É dele a missão dada por Deschamps para marcar Lionel. Questionado

Ficou bem na foto

Jack Guez/AFP



A Croácia tem motivos de sobra para comemorar o terceiro lugar. A vitória por 2 x 1 sobre Marrocos, ontem, rendeu ao país o terceiro pódio do torneio em 24 anos. Medalhistas de bronze em 1998, na França, os croatas conquistaram o vice 20 anos depois, na Rússia, e mantiveram-se entre os três melhores do torneio até 2026. Maestro do time xadrez, Luka Modrić, não deu pistas sobre o futuro na seleção.

Entenda a engenharia da Scaloneta

Lusail — A Argentina tem duas correntes ideológicas. Funciona mais ou menos como na política, ou você é de direita, de esquerda ou isentão. Menotista, uma referência a César Luis Menotti, técnico protagonista do primeiro título alviceleste na Copa de 1978; ou bilardista, menção a Carlos Salvador Bilardo, responsável pelo bi na edição de 1986, no México. Uma terceira via pode surgir amanhã, às 12h, contra a França, no Estádio Icônico Lusail. As ideias de Lionel Scaloni começam a ganhar fundamento acadêmico e ganharam até apelido: Scaloneta.

Aos 44 anos, o ex-lateral-direito é o engenheiro do novo conceito de jogo. Ele tem a aju-

Primeiro jogo: 4-4-2



Segundo jogo: 4-3-3



Terceiro jogo: 4-3-3



Oitavas de final: 4-3-3



Quartas de final: 3-1-4-2



Semifinal: 4-4-2



da de respeitados ajudantes de obra. Os ex-zagueiros Walter Samuel e Fabian Ayala e o meia Aimar colocam a mão na massa

em diferentes pontos da linha de produção candidata a encerrar 28 anos de jejum com a conquista do tri.

Samuel é um dos encarregados pelo sistema defensivo. São dele também alguns conceitos trabalhados nos lances

de bola parada. O parceiro dele nas tramas é Ayala. Ídolo da Internazionale, Samuel acumula 57 partidas com a camisa da Argentina. Disputou a Copa duas vezes. Ayala carrega nas costas o peso de três mundiais e 116 partidas pelo país. Cérebro dos times por onde passou, Aimar é um dos mentores do meio de campo. Era quem funcionava como um metrônomo nos clubes e na seleção. Marcava o ritmo quando começava jogando ou saía do banco de reservas. A fusão de ideias vem da base.

Entrosamento

Scaloni, Samuel e Aimar foram campeões juntos no Mundial Sub-20 de 1997, na Malásia. O comandante do trio foi o responsável pela maior revolução da Argentina nas categorias de base: José Néstor Pékerman, atual comandante da Venezuela. Portanto, se há alguma influência teórica na Scaloneta, ela vem dos con-

ceitos do técnico responsável justamente pelo último título argentino no Catar. Em 1995, a trupe Pékerman derrotou o Brasil por 2 x 0 no International Stadium Khalifa e conquistou o troféu.

A versatilidade tática e a mobilidade dos jogadores na adaptação aos planos de jogo do treinador são os trunfos. Na derrota para a Arábia Saudita na estreia, a Argentina iniciou a partida no sistema 4-4-2 e entrou em colapso após sofrer a virada. Houve correções de rumo com alternâncias do 4-3-3 ao 3-1-4-2 com a bola e adaptações ao 5-3-2 sem ela na etapa final na maior guinada diante da Holanda.

Embora a comissão técnica seja jovem, é inquieta na tentativa de resolver problemas. Uma virtude é perceptível na linha do tempo tática do time no Mundial: Scaloni tem o elenco na mão e sabe manipulá-lo de acordo com as exigências do. O próximo desafio será parar a atual campeã França. (MPL)

Coluna do Mauro Beting



França 51% x 49% Argentina

Desde o sorteio se imagina a França decidindo mais uma Copa. Mesmo sofrendo o que pariu contra a Inglaterra — que foi melhor que a bicampeã. Mesmo perdendo o melhor do mundo na temporada (Benzema), a meiuca campeã em 2018 (Kanté e Pogba), o primeiro reserva de ataque (Nkunku), o titular da zaga Kimpembe, mais dois reservas, e a bobagem de Deschamps de não convocar mais um nome — antes de perder no primeiro jogo o titular da lateral Lucas Hernández.

O irmão Theo assumiu a bronca ainda melhor. Tchouaméni foi o monstro que já se esperava. Até Rabiot foi bem. Giroud reencontrou o gol em Mundiais para ser o artilheiro histórico francês — até Mbappé o atropelar daqui a pouco. Griezmann religou o modo Copa. Lloris se mantém como o melhor goleiro francês de todos. Upamecano é o cara na zaga. Dembélé mais acende do que apaga. Varane quase voltou a ser o do Madrid. A França voltou a ser a de 2018. E chega à segunda final seguida que

as Copas só viram com sucesso bisado pelos italianos, em 1934-38, e os brasileiros, em 1958-62.

Messi da Argentina (mais que a Argentina de Messi) é o obstáculo final gigantesco para impedir que a França supere a própria Argentina de 1990, vice depois de campeã em 1986. Quando perdeu na Itália para a Alemanha que havia sido vice nas duas Copas anteriores. Proeza de três finais seguidas que só o Brasil repetiu, entre 1994 e 2002. Mas com dois canecos erguidos.

O tabu mundialista de 60 anos que a França pode bater diz muito do que eles fazem desde os anos 1980. Não apenas pelo trabalho de lapidação da escola de Clairefontaine, que desde 1988 potencializa talentos, de Henry a Pogba e Mbappé. Um dos motivos pentacampeões do país de Pelé desde sempre é a raça no sentido mais amplo e profundo. A riqueza étnica de várias peles para vestir uma única pele verde-amarela. No exemplo francês, desde os anos 1980 (com grandes seleções semifinalistas nas copas), a França é multiétnica em campo — contra a vontade dos Le Pens que dão mais asco

do que pena. O racismo institucional que não quer ver nem pintado de azul, vermelho e branco um elenco tão preto. E não apenas rico pela bola que infla desde a África, Caribe, Ásia e Europa. A França em 2022 é filha dos Camarões de Mbappé (também de ascendência argelina), Tchouaméni e Saliba (de pai libanês); da Alemanha e Portugal dos ascendentes de Griezmann; da Itália da família de Giroud; das origens de Dembélé que são da Argélia, da Mauritânia, de Senegal e de Mali (também de Konaaté e Fofana); de Guiné-Bissau do berço de Upamecano; da Espanha de Theo e Lucas Hernández;

do Benin de Koundé; do Marrocos de Guendouzi; das Filipinas de Areola; da Alemanha de Varane; do Congo de Muani, Mandanda, Disasi (também angolano) e Camavinga (nascido em um campo de refugiados em Angola); de Guadalupe de Coman e do pai de Thuram (que foi campeão mundial em 1998, teve o filho enquanto jogava no Parma, na Itália, e desde sempre se posiciona contra o racismo que sofre na pele).

São 17 países distintos de ascendência, berço e maternidade para 21 dos 26 atletas. Uma legião estrangeira e francesa a favor da França. E do mundo. Não apenas do futebol.